

# Análise da produção acadêmica brasileira sobre o cangaço: reflexões à luz da sociologia figuracional de Norbert Elias

Analysis of brazilian academic production about cangaço: reflections in the light of Norbert Elias' figurational sociology

George Almeida Lima<sup>1</sup>, Daniel Giordani Vasques<sup>2</sup>, Flávio Py Mariante Neto<sup>3</sup>

Como citar esse artigo. LIMA, G. A. VASQUES, D. G. MARIANTE NETO, F. P. Análise da produção acadêmica brasileira sobre o cangaço: reflexões à luz da sociologia figuracional de Norbert Elias. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 14, n. 3, p. 76-87, set./dez. 2023.



## Resumo

Objetivou-se apresentar a produção acadêmica brasileira sobre o desenvolvimento do cangaço e analisar esse fenômeno a partir das teorias de Norbert Elias. Utilizou-se a revisão sistemática da literatura a partir das bases: SciELO, Lilacs e Periódico Capes. Encontrou-se 72 artigos. Ao aplicar os critérios de inclusão e exclusão, 10 artigos foram incluídos. Embora Norbert Elias não tenha discutido especificamente sobre o cangaço, suas teorias imbuem-se aos processos sociais, conectando indivíduo e sociedade. O cangaço foi uma resposta social às configurações coercitivas que os sertanejos sofriam do poder público. Inicialmente, configurou-se como uma tensão civilizatória violenta dentro da aceitação de uma disputa de classe em relação aos elementos que constituem a interdependência. Com o início da assistência do Estado aos sertanejos, ampliaram-se as redes de interdependência entre ambos, desencadeando processos descivilizatórios. Esse fato fez com que os grupos usassem a violência contra os sertanejos que inicialmente eram defendidos pelos bandos.

**Palavras-chave:** Cangaço; Norbert Elias; Sociologia Figuracional; Violência.

**Nota da Editora.** Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

## Abstract

The objective was to present the Brazilian academic production on the development of cangaço and analyze this phenomenon from the theories of Norbert Elias. A systematic review of the literature was used from the bases: SciELO, Lilacs and Periódico Capes. 72 articles were found. By applying the inclusion and exclusion criteria, 10 articles were included. Although Elias has not discussed cangaço, his theories are linked to social processes, connecting individual and society. The cangaçowas a social response to the coercive configurations that country people suffered from public authorities. Initially, it was configured as a violent civilizing tension within the acceptance of a class dispute in relation to the elements that constitute interdependence. With the beginning of State assistance to the sertanejos, the networks of interdependence between both were expanded, triggering decivilizing processes. This fact caused the groups to use violence against the country people who were initially defended by the gangs.

**Keywords:** Cangaço; Norbert Elias; Figurational Sociology; Violence.

## Introdução

A subalternização dos sertanejos nordestinos, alheios às políticas públicas, junto à baixa estratificação social e a seca do clima semiárido do Nordeste brasileiro, foram fatores que impactaram negativamente o desenvolvimento da agricultura e pecuária desta região brasileira, desencadeando a criação de diversos movimentos que buscavam a melhoria das condições de sobrevivência dos sertanejos, dentre eles, o cangaço, *lócus* deste estudo (COSTA, 2021).

Devido à complexidade das análises sobre o cangaço, esse movimento passa a ser objeto de estudo de diversas áreas, como a História, Literatura, Sociologia, Antropologia etc. Todavia, a partir das teorias do

Afiliação dos autores:

<sup>1</sup>Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF/PE). Professor de Educação Física da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC/CE), Campos Sales, Ceará, Brasil.

<sup>2</sup>Doutor em Ciências do Movimento Humano (UFRGS). Professor do Departamento de Expressão e Movimento e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>3</sup>Doutor em ciências do Movimento humano (UFRGS). Professor da Universidade Luterana do Brasil, Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil.

\* Email de correspondência: george\_almeida.lima@hotmail.com

Recebido em: 24/07/2023. Aceito em: 28/11/2023.

sociólogo Norbert Elias, buscaremos refletir sobre esse movimento a partir das “lentes figuracionais”.

O cangaço teve seu auge entre as décadas de 1900 e 1940, estando ligado a aspectos que constituíram a identidade do povo nordestino, pautada na força, coragem e determinação. As brigas familiares e a busca pela proteção contra a violência das volantes (polícia da época) também foram elementos que influenciaram a construção do cangaço. Todavia, com sua estruturação e sistematização, esse movimento configurou-se como um “ganho de vida”, em que muitos sertanejos vislumbravam no cangaço, uma oportunidade para sair da precariedade em que se encontravam (DOMINGUES, 2017).

O cangaço estruturou-se a partir de uma identidade específica, caracterizada pelo sofrimento do povo nordestino. Desse modo, este movimento apresentava a imagem de “homens valentes, destemidos, frutos de uma cultura sertaneja, no qual foi alicerçada a ideia de ‘cabra macho’, que por sua vez, corrobora com o código moral da honra sertaneja. Essa relação está diretamente ligada à cultura de ‘homens de bem’, que muitas vezes aderiram ao movimento do cangaço” (COSTA, 2021, p. 2).

Nesse sentido, podemos compreender que o cangaço foi um movimento social multifatorial que não aconteceu em um momento específico, mas constituiu-se a partir de tensões e crises desencadeadas pelo sistema político, social e econômico vigentes. Esse movimento também foi mutável, adquirindo diversas configurações ao longo do tempo. Neste ínterim, faz-se necessário analisar e refletir sobre as possíveis ressignificações do cangaço a partir da percepção sociológica figuracional.

A ressignificação das configurações relacionadas ao cangaço é perceptível a partir da análise de Pericás (2010), que apresenta a ideia de cangaço endêmico e epidêmico. Inicialmente, antes de 1890, o cangaço se configurava com um mecanismo endêmico, em que a aparição dos bandos armados acontecia com baixa frequência e muitos eram subvertidos pelos coronéis, que detinham grande poder econômico e político. Todavia, nas primeiras décadas do século XX surge o cangaço epidêmico, caracterizado por grupos com maior independência, representados por figuras como Lampião, considerado o maior nome do cangaço. Nesse estágio, as ações do cangaço eram frequentes e os bandos adquiriram temor e respeito dos coronéis, das autoridades e da população em geral, tendo seu poderio bélico como mecanismo para amplificação das ações dos bandos.

Paiva (2004) assevera que o cangaço representou a evolução das atividades dos jagunços, que passaram a sofrer menos influências dos coronéis. Desse modo, eles foram “formando bandos sob rigorosa chefia, muitas vezes a serviço dos fazendeiros e políticos, que lhes compravam proteção ou encomendava missões a executar” (PAIVA, 2004, p. 7). Podemos perceber que a dinâmica configuracional do cangaço se ressignifica de maneira contínua, fazendo-nos questionar sobre os impactos das relações de poder a partir da utilização da violência, da economia e da política.

Neste ínterim, o cangaço vem sendo alvo de discussões a partir da utilização de diversos métodos, como análises literárias, buscando apresentar contextos históricos e simbologias específicas de indivíduos e grupos sociais (CÂMARA; CÂMARA, 2015), levantamento bibliográfico de obras específicas e historiografias, (CÂMARA; CÂMARA; SOUTULLO 2015), análise de cordéis, (SILVA; BELIEIRO, 2016), análise de narrativas de memorialistas que vivenciaram o movimento (MENDONÇA; ALVES, 2018) e análise de filmes específicos, que contam a história do cangaço a partir da ficção, apresentando as dinâmicas vivenciadas naquela época (MARTINS, 2014).

Compreendemos os esforços realizados para a ampliação das discussões sobre esse fenômeno. Todavia, corroboramos com Elias (1994, p. 216) quando ele apresenta que “faltam teorias empiricamente baseadas para explicar o tipo de mudanças sociais de longo prazo que assumem a forma de processo e, acima de tudo, de desenvolvimento”. Desse modo, os dados nos quais o cientista social trabalha para problematizar os processos sociais devem estar isentos de ideologia, diminuindo limiares de parcialidade nas análises.

Por conseguinte, analisar o cangaço é uma tarefa complexa, tendo em vista a mutação dos processos sociais desencadeados na sociedade. Desse modo, acreditamos que analisar esse processo sob a ótica da sociologia figuracional pode potencializar as reflexões sobre esse fenômeno. Acreditamos que essa

corrente teórica pode apresentar elementos que ampliem as discussões, uma vez que Elias centraliza suas discussões a partir da análise mutacional dos processos sociais de longo prazo, considerando o constructo civilizatório, as redes de interdependência e as relações de poder estabelecidas entre indivíduos e grupos como elementos catalisadores para o desenvolvimento de “novas” configurações.

Entendemos a complexidade do fomento deste estudo, uma vez que Elias não tenha tratado diretamente deste fenômeno de maneira específica. Todavia, a sociologia figuracional nos permite associar os diversos fenômenos sociais às suas teorias, uma vez que Elias não se preocupa em analisar o indivíduo ou a sociedade de forma fragmentada. Portanto, a ideia de figuração “não pode ser entendida como a soma de indivíduos separados e autônomos que se relacionam a partir de suas ações e intenções individuais, não é a soma de indivíduos, mesmo que em relação uns com os outros” (LEÃO; LANDINI, 2022, p. 30), o conceito-chave para a compreensão das teorias elisianas é a interdependência.

Em síntese, figuração e processo imbricam-se, produzindo “mecanismos sempre mutáveis de entrelaçamento social, as figurações que os seres humanos formam uns com os outros” (KORTE, 2001, p. 13). Destarte, as teorias elisianas estão empenhadas a compreender a estrutura das mudanças sociais a partir das interrelações estabelecidas entre os seres humanos, buscando analisar aspectos como mudança de comportamentos, violência e demais configurações sociais.

A partir do exposto, podemos questionar: quais processos e figurações consolidaram esse movimento no Nordeste brasileiro? A partir da sociologia figuracional de Norbert Elias, buscaremos ampliar as reflexões sobre esse fenômeno. Em suma, o presente estudo objetiva apresentar a produção acadêmica brasileira sobre o desenvolvimento do cangaço e discutir e analisar esse fenômeno a partir das teorias de Norbert Elias.

## Materiais e Métodos

Este estudo caracteriza-se como uma revisão sistemática da literatura, possibilitando a síntese de estudos já produzidos, acarretando novas discussões e reflexões, pautadas em resultados fundamentados científicos (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011). A metodologia é de cunho qualitativo e descritivo, cujo objetivo é a compreensão e interpretação de percepções de grupos específicos, a partir da análise dos contextos de um fenômeno (MOURA, 2021).

Para coleta de dados, utilizamos as seguintes bases e indexadores: SciELO, Lilacs e Portal de Periódicos da Capes, mediante a utilização dos descritores: *Lampião AND Cangaço* e *Sertão AND Cangaço*. A utilização dessas bases e indexadores justifica-se pela sua capacidade de agrupar número significativo de estudos, ampliando as possibilidades quantitativas e qualitativas de estudos a serem encontrados.

Os critérios de inclusão foram: (i) artigos que apresentassem discussões sobre o cangaço, (ii) obras em português ou língua estrangeira, (iii) obras de quaisquer áreas do conhecimento. Os critérios de exclusão foram: (i) trabalhos de conclusão de curso, teses e dissertações. Justificamos a utilização destes critérios pela sua capacidade de encontrar artigos relacionados ao fenômeno a ser estudado. As buscas aconteceram no mês de janeiro de 2023 e não apresentaram recorte temporal. O quadro 1 apresenta a quantidade de artigos encontrados a partir da utilização de cada palavra-chave.

**Quadro 1.** Quantitativo de artigos encontrados em cada base a partir dos descritores.

TERMOS	SCIELO	LILACS	PERIÓDICOS DA CAPES	TOTAL
Lampião <i>AND</i> Cangaço	03	01	27	31
Sertão <i>AND</i> Cangaço	03	02	36	41
Total	06	03	63	72

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

A partir da inserção dos descritores nas bases de dados e indexadores, foram encontrados um total de 72 artigos. O primeiro processo de triagem considerou o título e resumo dos artigos, que deveria apresentar objetivos e/ou discussões sobre o cangaço. Desta forma, 39 artigos foram excluídos, restando 33. O segundo processo considerou a duplicidade dos textos, em que foram excluídos nove artigos, restando 24. O terceiro processo considerou a leitura integral dos textos e a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, em que foram excluídos 14 artigos. Dessa forma, 10 textos atenderam os critérios de inclusão e exclusão e compuseram o *corpus* deste estudo.

Após a leitura e seleção dos textos, foi criada uma tabela para que os textos pudessem ser analisados. Destacamos que para a construção das discussões dos resultados encontrados, lançamos mão das teorias de Norbert Elias a fim de potencializar as discussões advindas dos textos selecionados e apresentar outras “lentes” de discussão, visando ampliar os debates e reflexões sobre o fenômeno em questão.

Com reforço, destacamos que não buscamos confrontar os resultados encontrados, tendo em vista as distintas áreas do conhecimento aos quais os textos estão vinculados e sua importância para a compreensão do cangaço a partir da utilização de diversos métodos. Igualmente, nosso intuito é analisar esses dados a partir da sociologia figuracionalelisiana.

Os dados encontrados foram analisados a partir da análise temática, que se constitui a partir das etapas a saber: (i) familiarização dos dados, (ii) geração de códigos iniciais, (iii) busca por temas, (iv) revisão dos temas, (v) definição e denominação dos temas e (vi) produção do relatório final. A utilização desse tipo de análise se configura pela sua capacidade de interpretar temas em conjuntos textuais (BRAUN; CLARKE, 2006). A partir da análise dos dados, foram construídas *a posteriori*, duas categorias analíticas: (i) configurações da construção do cangaço e (ii) o cangaço e as redes de interdependência.

No que diz respeito às possíveis divergências em relação à exclusão e inclusão dos artigos para a construção deste texto, fato que não ocorreu neste trabalho, um pesquisador externo a pesquisa seria convidado para que pudesse realizar o desempate (SAMPAIO; MANCINI, 2007).

## Resultados e discussão

Nesta seção, apresentaremos os resultados encontrados a partir da análise de 10 artigos (VILLELA, 2001; MARQUES, 2009; CLEMENTE, 2013; CÂMARA; CÂMARA; SOUTULLO, 2015; CÂMARA; CÂMARA, 2015; SILVA; BELIERO, 2016; DOMINGUES, 2017; MENDONÇA; ALVES, 2018; SANTOS; COSTA, 2021; COSTA, 2021). Discutiremos os resultados a partir da sociologia figuracional de Norbert Elias por considerarmos suas teorias macrosociais, um instrumento que pode ampliar as reflexões sobre o cangaço no sertão brasileiro.

Com reforço, destacamos que Elias busca romper as percepções sociológicas tradicionais, que dicotomizam os processos sociais e compreendem a sociedade como uma estrutura exterior aos indivíduos. Dessa forma, o conceito de figuração apresentado por Elias afrouxa o pensamento que compreende indivíduo e sociedade como composições antagônicas, entendendo-os como interdependentes (ELIAS, 1994). Por conseguinte, compreender o processo de formação e desenvolvimento do cangaço à luz das teorias de Norbert Elias é um processo complexo, pois envolve a compreensão de aspectos macrosociais a partir das relações de interdependência entre os grupos sociais.

## Configurações da construção do cangaço

Esta categoria é composta por cinco artigos (CLEMENTE, 2013; DOMINGUES, 2017; SILVA; BELIEIRO, 2016; MENDONÇA; ALVES, 2018; COSTA 2021). Os artigos apresentam aspectos relacionados ao desenvolvimento do cangaço no nordeste brasileiro, em que a ausência de acesso aos aspectos econômicos, sociais e políticos configuraram-se como mecanismos que corroboram para a eclosão do cangaço.

Mendonça e Alves (2018) destacam que o cangaço encontra seu alicerce a partir da desordem política,

econômica e social. Os diversos conflitos sociais intensificaram as tensões na população nordestina. Desta feita, os processos econômicos, sociais e políticos eram degradantes, e que impulsionados pela seca, acarretavam prejuízos à estrutura socioeconômica dos nordestinos, fato que ampliou o sofrimento dos sertanejos, os quais já sofriam com o descaso e esquecimento do poder público.

A partir deste cenário nefasto de oportunidades, o cangaço se configura como um negócio, um emprego e um meio de ganhar a vida no sertão, sendo compreendido em vários momentos como uma profissão. Mendonça e Alves (2018) salientam que o cangaço se iniciou no final do século XIX e início do XX. Nesse período, os coronéis detinham grande influência sobre os processos políticos e econômicos da região Nordeste, representando um poder absoluto em determinadas localidades, em que os habitantes, compostos em grande maioria por trabalhadores pobres, eram subordinados aos comandos do coronelismo.

Clemente (2013) assevera que o cangaço desencadeou processos de barbárie e violência praticada pelos grupos, buscando contrapor a violência efetivada por autoridades policiais da época. A partir do exposto, ampliou-se a identidade de luta do povo nordestino, em que o cangaço, tendo Lampião como precursor, parece centralizar as expectativas negativas ou positivas acerca da identidade de luta nordestina.

Alguns grupos de cangaço se caracterizariam por sua luta contra o descaso e as injustiças sociais que os sertanejos com menor poder aquisitivo sofriam (DOMINGUES, 2017). Muitas pessoas “ingressavam no cangaço motivados por injustiças. Vendo-se naquela terra de ninguém entre a polícia e os cangaceiros, parte da população sertaneja se alistava na polícia, enquanto outra parte, com medo da polícia, ou tendo sofrido em suas mãos, tornava-se bandoleiro” (DOMINGUES, 2017, p. 6).

Silva e Belieiro (2016), ao analisarem a literatura de cordel nordestino com objetivo de compreender a representação do cangaço, classificam esses grupos como “bandidos sociais”, compreendidos como criminosos pela elite e como um herói pelo seu povo.

Costa (2021) assevera que o cangaço retrata a cultura de um determinado grupo de sertanejos nordestinos que é influenciado, de maneira cultural, pela percepção de honra, de valentia e de “cabra macho”, que consolidou-se a partir dos sentimentos, valores e construção de sentidos que envolvem a representação sofrida da vida na caatinga nordestina.

A consolidação dos processos culturais, ligados à caatinga nordestina apresenta à imagem do cangaceiro, que possuem características marcantes dadas as particularidades, culturais desse ambiente. O cangaço “pode ser apresentado por meio da constituição do conceito de banditismo sertanejo, no intuito de caracterizar o movimento do cangaço, como um movimento eminentemente nordestino, dotado do discurso de honra, por meio da figura do ‘cabra macho’” (COSTA, 2021, p. 11).

Domingues (2017) destaca que as “façanhas” de Lampião foram fruto de crônicas feitas por importantes escritores, como Graciliano Ramos:

O cangaceiro tipo Lampião aniquila o inimigo: devasta-lhe os bens e, se não o mata, faz coisa pior – castra-o. Às vezes castra-o literalmente, o que é horrível. Ele se valia desses requintes de crueldade porque precisava “conservar sempre vivo o sentimento de terror que inspira” e que era a mais eficaz das suas armas (RAMOS, 1975, p. 136).

Em síntese, destacamos que o poder dos grupos de cangaço era vislumbrado em diversos momentos. Em meados de 1930, um grupo de cangaceiros “prenderam Domiciano – o tabelião da então vila de Curaça, no estado da Bahia – e estipularam seu resgate em cinco contos de réis. Mesmo a família do refém pagando a importância estipulada, Corisco e seus cabras mataram Domiciano. Sangraram o infeliz e o esquartejaram. Pedacos do corpo foram deixados ao léu” (DOMINGUES, 2017, p. 11).

Ao lançarmos luz sobre as teorias dos processos civilizadores de Norbert Elias (ELIAS, 1994),

percebemos que os índices de violência eram altos, pois embora a violência socialmente permitida fosse “regulamentada” pelo poder público, seus mecanismos operacionais de controle eram baixos, favorecendo a eclosão da violência a partir da busca pelo nivelamento das relações de poder entre cangaceiros e o sistema político vigente. Desse modo, o poderio bélico das volantes e dos cangaceiros se configurava como um recurso para coerção das pessoas com menos recursos econômicos, políticos e bélicos. Nesse sentido, os surtos de crueldade não excluíam as pessoas da vida social, pois os mecanismos de controle da violência eram limitados.

Com a ampliação do poderio bélico, político e econômico dos grupos de cangaço, ampliaram-se os confrontos e as tensões com as volantes e o sistema político vigente, acarretando o desenvolvimento de processos descivilizadores. Nesse aspecto, não é difícil estabelecer uma relação reflexiva entre o cangaço e a obra “Os alemães” (ELIAS, 1997). O referido texto traz uma contribuição importante sobre as rupturas no processo civilizador, a partir do exemplo do nazismo, na Alemanha. Na obra “Os alemães”, Elias (1997) apresenta mecanismos de ‘pedagogia’ social em um processo de longo prazo que culminou com a aceitação de grande parte do povo alemão à barbárie e ao holocausto.

Não a título de comparação, mas sim como uma possibilidade de reflexão de uma dinâmica ligada ao cangaço, pode-se inferir que esse movimento teve uma centralidade a partir de mecanismos sociais que não podem ser vistos na dicotomia bem/mal, ruim/bom. Pelo contrário, os ‘lados’ apresentados pelos discursos clássicos e que perfazem o senso comum devem ser questionados e avaliados a partir de uma relação pedagógica e relacionada com os outros elementos configuracionais partícipes desse contexto. Deste modo, o cangaço, a igreja, a população e a polícia são agentes que se imbricam, relacionando-se e determinando as ações com participações equânimes e dinâmicas.

Esse fato é perceptível a partir da análise do seguinte trecho:

Na cidade de Dores, Lampião exigiu uma “contribuição” dos cidadãos de Capela; nesse caso, a quantia de 20.000\$000. O prefeito argumentou que os moradores da localidade eram pobres e, tendo enfrentado três anos de secas consecutivas, teriam dificuldades em arrecadar tal soma. O “rei do cangaço” então decidiu reduzir o valor da extorsão para 6.000\$000, porque, disse ele, compreendia bem a situação de carência do povo nordestino, principalmente em épocas de estiagens prolongadas. Acordado o “desconto”, o chefe de polícia efetuou a coleta entre os cidadãos de maior poder aquisitivo – os negociantes e usineiros. Não houve dificuldade para arrecadar o dinheiro, pois, conforme disse uma das pessoas presentes, todos sabiam que Lampião “não era de brincadeira” (DOMINGUES, 2017, p. 8).

Percebemos que as autoridades que deveriam “aplicar a lei” subordinavam-se aos grupos de cangaceiros devido ao seu poderio bélico. Dessa forma, a extorsão, a morte e a violência são processos socialmente desenvolvidos. Outrossim, destacamos que os processos que consolidaram o desenvolvimento do cangaço na região Nordeste estavam imbricados aos processos sociais e culturais vivenciados pela população nesta época remota.

Em um primeiro momento, podemos compreender os cangaceiros como um grupo *outsider*, considerando-se a teoria dos estabelecidos e *outsiders*<sup>1</sup>(ELIAS; SCOTSON, 2000). Assim, as volantes e os coronéis acreditavam que possuíam superioridade social, cultural e política em relação aos grupos de cangaço, rotulando-os como um grupo de categoria inferior.

Todavia, essa teoria pode ser relativizada, pois não havia distinção de tempo de moradia entre cangaceiros, coronéis, volantes e sertanejos. Nesse sentido, também podemos considerar a teoria *outsiders*: a sociologia do desvio (BECKER, 2008) como uma teoria que nos ajuda a refletir sobre o cangaço. O autor apresenta que as sociedades possuem grupos dominantes e grupos desviantes, que tensionam as

1 Os estabelecidos são grupos que já estão há mais tempo em determinada localidade e possuem maior poder de coesão entre si. Os *outsiders* são grupos que possuem menor tempo de permanência em determinada localidade.

regras sociais vigentes a partir da busca pela imposição da legitimidade de suas percepções. Dentro dessa perspectiva, o cangaço pode ser compreendido como um grupo desviante.

Dessa maneira, embora possamos inferir uma relativização à teoria estabelecidos e *outsiders*, pelo fato de que ambos os grupos estavam situados no sertão nordestino por tempo equivalente, Elias e Scotson (2000) asseveram que uma das ações do grupo *outsider* foi utilizar a violência e a desordem como mecanismos para “equilibrar” a balança de poder. Em vista disso, o “comportamento violento e desordeiro dos jovens de ‘status inferior’, que desde cedo tinham sido instigados, através da rejeição e do desdém, a provocar e aborrecer aqueles por quem eram rejeitados e desdenhosamente tratados” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 130).

Assim, as ações dos grupos de cangaço, inicialmente pautadas na busca pela “justiça social”, podem estar ligadas às ações delineadas pelos grupos *outsiders* estudadas por Elias e Scotson (2000). Nesse sentido, a dinâmica configuracional do cangaço é ressignificada, modificando os comportamentos sociais dos diversos grupos inseridos na região Nordeste.

Portanto, como não havia mecanismos operacionais que diminuíssem os limiares de violência, os grupos de cangaço constituíram-se, a partir de uma leitura elisiana, como um movimento pela busca do “equilíbrio” na balança de poder, gerando (inicialmente) uma tensão civilizatória violenta cujos alvos eram coronéis, volantes e latifundiários. Todavia, essa tensão civilizatória sofreu tensionamentos tão amplos que se consolidou como um processo descivilizador. Com reforço, devemos compreender que o desenvolvimento do cangaço não aconteceu de maneira repentina, mas foi uma configuração social desenvolvida em longo prazo. Outro ponto que devemos levar em consideração é que a construção do cangaço é mutável, adquirindo “novas” configurações ao longo do tempo, sendo utilizado a partir de diversos objetivos, como a execução de pessoas a mando de fazendeiros e a “satisfação” pessoal em agir às margens da lei.

Devemos considerar que no estudo de Elias e Scotson (2000) em Winston Parva<sup>2</sup>, a ideia de grupo estabelecido e *outsider* era mais evidente, pois a cidade estudada pelos autores era simples, as ligações de interdependência eram menores e havia uma clara distinção de tempo de permanência na região, o que favoreceu a delimitação da análise figuracionalelisiana.

Quando analisamos o cangaço como centro dessa questão, destacamos que esse movimento possuiu maior complexidade nas relações entre indivíduos X indivíduos e sociedade X indivíduos, configurando-se como um movimento de maior complexidade, gerando amplas tensões e ligações de interdependência entre os elementos sociais.

Desse modo, os desequilíbrios de poder são menores entre os grupos de cangaço e demais grupos detentores de poder (do que em Winston Parva), uma vez que as redes de interdependência que envolve as ligações sociais do cangaço estão conectadas a coronéis, volantes e figuras públicas, que antes eram detentores “exclusivos” do poder, mas que agora “dividem” esse poder com os grupos de cangaço, demonstrando que o desequilíbrio nas relações de poder são menos visíveis.

Embora compreendamos que as teorias elisianas sejam importantes para compreender esse fenômeno a partir de uma percepção macrosocial, destacamos que as teorias apresentadas possuem certos limites, ao considerarmos o desenvolvimento do cangaço, pois tem-se uma sociedade mais relacional e complexa, fazendo com que os grupos não se tornem tão definidos.

## O cangaço e as redes de interdependência

Esta categoria é composta por seis artigos (VILLELA, 2001; MARQUES, 2009; CÂMARA; CÂMARA, 2015; CÂMARA; CÂMARA; SOUTULLO, 2015; DOMINGUES, 2017; SANTOS; COSTA, 2021). Os artigos apresentam

2 Winston Parva é um nome fictício utilizado por Elias e Scotson (2000) para referirem-se a uma comunidade específica que foi analisada sociologicamente, pelos autores, discutindo-se relações de poder que se estabelecem entre grupos.

aspectos ligados à construção das redes de interdependência no desenvolvimento do cangaço, o que facilitou as ações dos grupos, fazendo com que esse movimento se expandisse por diversos estados do Nordeste brasileiro.

Domingues (2017) apresenta a ideia de que Lampião era uma espécie de “bandido-guerrilheiro” da caatinga nordestina, que suas vitórias contra as forças policiais e demais façanhas fizeram com que o povo do sertão acreditasse que ele possuía poderes sobrenaturais. Desse modo, Lampião e seu grupo se tornaram objeto de temor e de respeito de grande parte do Nordeste brasileiro.

Villela (2001) destaca que os bandos de cangaço eram formados a partir do somatório de microgrupos de base familiar, cada um liderado por seu chefe, geralmente o mais velho da família. O conjunto desses chefes costumava ser seguidor, por sua vez, de chefes que comandavam outros bandos e assim por diante.

Marques (2009) salienta que as ações de Lampião mostravam a disposição generosa com os amigos, que são protegidos pelos bandos em troca de determinados favores como alimentação, estadia, o repasse de informações e, inflexibilidade com os inimigos, desencadeando assaltos, ataques a grandes fazendas e execuções de pessoas e grupos específicos. O cangaço também apresenta a ideia de proteção entre a população mais suscetível a ataques policiais.

Os grupos de cangaço, principalmente o de Lampião, realizavam feitos quase inacreditáveis, como podemos ver nesta passagem, em que Nonato (2015) reflete sobre o curto período de tempo do percurso de Lampião e seu grupo à cidade de Mossoró/RN:

Esse tempo relâmpago de menos de cem horas, tanto quando levou o grupo de “Lampião” no Rio Grande do Norte, permitiu, contudo, à malta desenfreada percorrer um número de léguas quase inacreditável, pois cobriu, em uma viagem batida de quatro dias apenas, um percurso que anda perto de 400 quilômetros, com uma poderosa cavalaria de montada, apetrecho de guerra, prisioneiros, animais de muda e mais de 60 combatentes, poderosamente armados, para qualquer eventualidade (NONATO, 2015, p. 16).

Podemos perceber que Lampião e seu bando percorreram cerca de 100 quilômetros por dia. O autor apresenta alguns empecilhos que poderiam dificultar essa viagem, como o fato de Lampião e seu bando serem alvo de constantes emboscadas e serem perseguidos intensamente pelas volantes. Desse modo, podemos questionar: como Lampião e seu grupo conseguiram “escapar” das investidas das volantes por tanto tempo? Por que tinham tanta facilidade em circular por municípios de vários estados nordestinos?

Esse aspecto é apresentado por Domingues (2017), em que o autor assevera que o cangaço estava imbricado a uma complexa rede de fornecedores, protetores e informantes, que negociavam com fazendeiros, autoridades públicas e chefes políticos locais. A maioria desses cangaceiros arriscava-se a seguir Lampião ou Corisco, considerados os mais valentes. O autor reforça que o sertão pouco oferecia aos jovens senão o modesto trabalho no campo, com uma enxada e um facão (DOMINGUES, 2017).

Ao alinharmos as configurações sociais apresentadas pelo cangaço aos pressupostos teóricos de Norbert Elias, podemos perceber que o cangaço possui uma rede de interdependência que ligava esse movimento a pessoas e instituições, produzindo tensões que reverberam as relações sociais. Nesse sentido, o poder está intrinsecamente imbricado às relações sociais:

Uma visão mais realista das pessoas que, através de suas disposições e inclinações básicas, são orientadas para e ligadas umas às outras das mais diversas maneiras. Estas pessoas constituem teias de interdependência ou figurações de muitos tipos, caracterizando equilíbrios de poder de vários tipos, como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados (ELIAS, 2012, p. 10)

Desse modo, essa interdependência acontece no cangaço a partir das relações mantidas entre o movimento e pessoas e grupos específicos. Ao passo que os “informantes” repassavam as informações aos grupos de cangaço, a esses “informantes” era-lhes assegurada determinada “segurança” (DOMINGUES, 2017), tendo em vista que seriam protegidas pelos cangaceiros em troca das informações transmitidas, de alimentação, dinheiro e estadia. Essa rede de entrelaçamento social facilitava as ações dos grupos. O poder do cangaço de Lampião era tão forte que ele era:

Amigo de Eronides Ferreira de Carvalho – que seria eleito governador de Sergipe em 1934 e ocuparia o cargo de interventor federal após o golpe de Getúlio Vargas, em 1937 – e de famílias poderosas – como os Brito, de Propriá –, recebeu por parte do Padre Cícero a patente de Capitão dos Batalhões Patrióticos. Levou uma vida pública fora do comum. Uma vez, em tom jocoso, declarou que seria governador de um novo estado sertanejo (DOMINGUES, 2017, p. 5-6).

Consequentemente podemos perceber que as redes de interdependência são bem definidas e que nada faltava aos cangaceiros, pois na maioria dos locais que chegassem, eram recebidos com a melhor estrutura possível. É perceptível o poder coercitivo dos grupos a partir do poderio bélico, fato que facilitou as ações dos grupos.

A percepção sociocultural construída a partir das representações do cangaço apresenta uma construção identitária pautada na valentia, na força e ideia de “cabra macho”, denotando uma percepção de hipermasculinização. Todavia, algumas mulheres exerciam influência sobre os grupos, o que reforça a ideia de interdependência.

Santos e Costa (2021) destacam que Maria Bonita (esposa de Lampião) exercia influência sobre as ações de Lampião, chegando a assumir a liderança em determinados momentos, além de estabelecer relações com coiteiros, sendo alguns desses, poderosos da época. Câmara, Câmara e Soutullo (2015) também reforçam a importância das mulheres para o cangaço como agentes de transformação social dentro deste movimento visceralmente associado ao elemento masculino. A presença feminina, ainda que tardia e limitada, amenizou o caráter mais belicoso desses justiceiros temidos por muitos e admirados por outros tantos.

As redes de interdependência também se mantinham no aspecto político. Villela (2001) apresenta que a política eleitoral partia dos eleitores que detinham certo número de votos, de base familiar, que eram os chefes das famílias, que eram contatados por cabos eleitorais capazes de obter o apoio desses eleitores. Esses cabos eleitorais tinham relações próximas com os candidatos municipais, estaduais e federais. Desse modo, a família, sempre está envolvida em ambos os processos, configurando-se com sustentáculo prático e discursivo.

A partir da sociologia figuracional, percebemos que o cangaço não foi um movimento repentino, mas uma construção a partir do imbricamento entre indivíduo e sociedade, em que tais configurações sociais desencadearam-se ao longo do tempo e foram mutáveis, adquirindo novos mecanismos operacionais, como podemos ver no trecho a seguir:

O legendário cangaceiro fora entregue ao ataque da volante do Tenente João Bezerra por um humilde *coiteiro* que fazia o papel de contínuo para o bando estacionado confiante e confortavelmente numa ravina próxima da bela paisagem do São Francisco. Uma delação feita sob a força do *argumentumbaculinum* dos homens de Bezerra (VILELLA, 1997, p. 83).

O trecho supracitado apresenta a morte de Lampião. Ao analisarmos essa passagem, percebemos que uma pessoa com baixo poder econômico e político “entregou” Lampião às autoridades. A partir do

exposto, podemos questionar: as pessoas haviam perdido o medo/respeito por Lampião e demais grupos de cangaço, considerando-se sua periculosidade, já reconhecida na região? Ao lançarmos luz às teorias elisianas, percebemos que as configurações sociais haviam mudado ao longo do tempo, fazendo do cangaço um movimento amplo que se constituiu de maneira mutável ao longo do tempo.

No que diz respeito ao estudo das figurações proposto por Elias, as relações de poder constituem-se como um mecanismo que imbricado às redes de interdependência, atribuindo aos indivíduos, limiares de poder ora reduzidos, ora mais amplos, sujeitando-os a subordinação ou posições de comando a partir da “força” deste poder. Para Elias (2001), o poder não está relacionado apenas a aspectos políticos, sociais e econômicos, ele está interligado às relações humanas. “Sem definição e sem explicação das relações de poder no seio de um grupo, os grupos de macrossociologia ou de microsociologia permanecem incompletos, vagos e finalmente estéreis. As transformações das relações de poder e sua explicação pedem uma atenção toda especial.” (ELIAS, 2001, p. 154).

Compreendemos que Elias não analisa indivíduo e sociedade como campos opostos, mas sim a partir de seu imbricamento. A partir desse pressuposto, considerar o campo social do sertão nordestino configura-se como um aspecto que nos permite analisar as ressignificações do cangaço ao longo do tempo. Inicialmente, tem-se uma centralização do poder pelos coronéis, que a partir do desenvolvimento do cangaço, começam a “dividir” o poder com estes grupos. Se em seu início, o cangaço é visto como a luta contra o descaso aos nordestinos, em que várias obras apresentam os cangaceiros como “justiceiros” em prol dos pobres, as “novas” configurações nas relações de poder fazem com que esse movimento perca sua originalidade, adquirindo conotações pautadas na extrema violência, inclusive com o povo sofrido que outrora seria defendido.

Isso posto, aponta-se que o Estado passa a oferecer recompensas aos sertanejos que “entregassem” cangaceiros, além de diminuir a truculência nas ações das volantes na tentativa de diminuir a violência. Esses mecanismos ampliaram a interdependência entre os sertanejos e o Estado, fazendo com que o poder dos cangaceiros diminuísse frente aos sertanejos que os apoiavam. Nesse sentido, os grupos de cangaço precisavam usar mais força para adquirir novamente a contribuição dos sertanejos em suas jornadas, fato que ampliou a utilização da violência por parte dos bandos.

Em vista disso, percebemos que o contexto social está ligado às ações individuais, e a mudança das configurações destes campos (social e individual) fazem com que as redes de interdependência sejam mutáveis, a partir da morte do principal cangaceiro da história deste movimento (Lampião) (DOMINGUES, 2017), que foi denunciado por um sertanejo humilde.

## Considerações finais

Neste estudo, objetivamos apresentar a produção acadêmica brasileira sobre o desenvolvimento do cangaço, discutir e analisar esse fenômeno a partir das teorias de Norbert Elias. Após o levantamento, foram incluídos 10 artigos neste estudo, nos quais foram divididos em duas categorias: (i) configurações da construção do cangaço e (ii) o cangaço e as redes de interdependência.

Concluimos que inicialmente, o cangaço configurou-se como uma tensão civilizatória violenta dentro da aceitação de uma disputa de classe em relação aos elementos que constituem a interdependência dentro deste processo. Todavia, houve uma ressignificação dessa tensão civilizatória violenta, provocada pelas ações do Estado, como a oferta de recompensas em dinheiro para os sertanejos “entregarem” cangaceiros, menores índices de violência das volantes com os sertanejos e maior assistência social aos nordestinos, fato que desencadeou processos descivilizatórios, pois os grupos de cangaço precisaram usar seu poderio bélico com mais força, agredindo, inclusive, os sertanejos que inicialmente eram defendidos pelos bandos, aspecto que desencadeou a amplificação da violência.

Essa complexa dinâmica configuracional gera percepções dicotômicas, no que concerne às percepções sobre o cangaço. Os resultados encontrados neste estudo mostram versões que consideram o cangaço

ora como um processo que evidencia uma melhoria de vida para os sertanejos oprimidos, ora como um processo violento a esse mesmo grupo.

Ao refletirmos sobre os mecanismos inerentes ao cangaço a partir das teorias elisianas, percebemos dinâmicas específicas como: (i) os sertanejos, embora permanecessem um período de tempo relativamente igual aos grupos dominantes, eram tratados como *outsiders*, o que os fez utilizar a violência e a desordem como mecanismos para “equilibrar” a balança de poder. (ii) Os limitados mecanismos de controle da violência fizeram com que o cangaço se consolidasse enquanto um processo cultural da região, ganhando diversos adeptos. (iii) O cangaço não se consolidou de maneira isolada, mas a partir de um processo de interdependência com grupos políticos, fazendeiros, coronéis e sertanejos. (iv) O cangaço iniciou-se com uma configuração específica, pautada na luta pela justiça social, podendo ser compreendido (inicialmente) como uma tensão civilizatória, mas as interdependências associadas a esse processo modificaram a estrutura interna do cangaço a partir das mudanças sociais, configurando-o como um elemento descivilizatório.

Compreendemos a complexidade e as tensões relacionadas ao desenvolvimento deste estudo, uma vez que Norbert Elias não tenha tomado como escopo as discussões relacionadas ao cangaço no Nordeste brasileiro. Todavia, sua sociologia figuracional permite uma análise social a partir de uma ótica macrossociológica, potencializando a utilização dessas teorias para análises relacionadas a diversos fenômenos sociais. Nesse sentido, este estudo não pretende apresentar respostas com um fim em si mesmo, tampouco encerrar os debates sobre este fenômeno, fazendo-se necessário o desenvolvimento de mais estudos relacionados ao fenômeno em questão.

## Referências

- BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2008.
- BOTELHO, Louise Lira Roedel; DE ALMEIDA CUNHA, Cristiano Castro; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Usingthematicanalysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa> Acesso em: 15 fev. 2023.
- CÂMARA, Yls Rabelo; CÂMARA, Zzy Maria Rabelo; SOUTULLO, Melina Raja. Maria Bonita e Dadá revisitadas: a análise de sua importância para o cangaço e seu registro na literatura brasileira como um testemunho de sua prática cultural. **Raído-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD**, v. 9, n. 20, p. 203-218, 2015. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/4167> Acesso em: 15 fev. 2023.
- CÂMARA, Yls Rabelo; CÂMARA, Zzy Maria Rabelo. Maria Bonita e Dadá: uma breve releitura do cangaço por meio da presença determinante do elemento feminino. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, ano 4, n. 5, p. 57-74, mai. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/23384> Acesso em: 15 fev. 2023.
- COSTA, Ana Paula Rodrigues. Geografia do cangaço: concepções conceituais para pensar o banditismo sertanejo. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 41, p. e174830-e174830, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2021.174830>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- CLEMENTE, Marcos Eilson de Araújo. TERRA IGNOTA: cangaço e representações dos sertões do Nordeste brasileiro na primeira metade do século XX. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História**, v. 10, n. 15, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.18817/ot.v10i15.257>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- DOMINGUES, Petrônio. O “Corisco Preto”: cangaço, raça e banditismo no Nordeste brasileiro. **Revista de História (São Paulo)**, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2017.119973>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- ELIAS, Norbert. **On the process of civilization**. Dublin: UCD [publicado como vol. 3 de Collected Works of Norbert Elias], 2012.
- ELIAS, Norbert. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Zahar, (2001).

- ELIAS, Norbert; SCOTSON, L. John. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert. Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- KORTE, Hermann. 'Perspectives on a Long Life: Norbert Elias and the Process of Civilization' in SALUMETS T. (Org.), **Norbert Elias and Human Interdependencies**: 13–31, London: McGill-Queen's University Press, 2001.
- LEÃO, Andrea Borges; LANDINI, Tatiana Savoia. **10 lições sobre Norbert Elias**. Editora Vozes, 2022.
- MARQUES, Ana Claudia. O cangaço de Lampião sobre a produção moral de si e do outro no sertão de Pernambuco. **Papeles de Trabajo**, v. 3, n. 5, 2009. Disponível em: <https://revistasacademicas.unsam.edu.ar/index.php/papdetrab/article/view/166>. Acesso em: 25 fev. 2023.
- MARTINS, Allysson Viana. 04. De Virgulino a Lampião: guerras de memórias nos filmes sobre o cangaceiro mais famoso do Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 3, n. 2, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.3220144145>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- MENDONÇA, Ramona Lindsey Rodrigues; ALVES, Antonio Robson de Oliveira. Os memorialistas de Mossoró/rn e o cangaço: narrativas sobre a tentativa de assalto de Lampião à Mossoró em 1927. **Revista Labirinto (UNIR)**, v. 29, p. 344-357, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.47209/1519-6674.v29.n.1.p.344-357>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- MOURA, Diego Luz. **Pesquisa Qualitativa: um guia prático para pesquisadores iniciantes**. Editora CRV, 2021.
- NONATO, Raimundo. **Lampião em Mossoró**. 5ª Edição. João Pessoa: Coleção o Mossoroense, 2015.
- PAIVA, Melquíades Pinto. **Ecologia do cangaço**. Editora Interciência, 2004.
- PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os cangaceiros**: ensaio de interpretação histórica. Boitempo editorial, 2010.
- RAMOS, Graciliano. **Viventes das Alagoas**. São Paulo: Martins, 1975.
- SAMPAIO, Rosana Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Brazilian Journal of Physical Therapy**, v. 11, p. 83-89, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- SANTOS, Antoniel Neres; COSTA, Jackeline Mendonça. Cangaço: mulheres e memória (1930-1940). **Em Tempo de Histórias**, v. 1, n. 39, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/emtempos.v1i39.38823>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- SILVA, Douglas Augusto; BELIEIRO, Thiago Granja. Lampião através dos cordéis: entre o céu e o inferno. **Colloquium Humanarum**, v. 13, n. 4, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5747/ch.2016.v13.n4.h279>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- VILLELA, Jorge Mattar. Societas Sceleris: cangaço e formação de bandos armados no sertão de Pernambuco. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 1, n. 2, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2001.2.81>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- VILLELA, Jorge Luiz Mattar. O advento do Estado Novo, a morte de Lampião e o fim do cangaço. **Revista de sociologia e política**, v. 9, p. 81-94, 1997. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/328069364.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.